

Ghibli

O primeiro desenho animado longa-metragem que assisti no cinema foi “Branca de Neve” dos estúdios Disney, quando ainda usava calças curtas (se bem que, na pandemia, voltei a usá-las quase o tempo todo). Isso foi nos anos 1950-60, tempos do JK e a “Branca de Neve” também foi o primeiro álbum de figurinhas que colecionei. Uma das mais difíceis era do dragão, que ainda não mexia com esse negócio de inflação ressuscitada pelo Bozo. Colar as figurinhas no álbum com goma arábica, a cola que usávamos à época e tinha um cheiro gostoso, diferente, era diversão a parte.

A molecada saía da missa das 9 da manhã da igreja matriz direto para a Praça Barão da Franca comprar saquinhos de figurinhas ou a revista nova do “Príncipe Valente” na Agência Brasil, que montava uma banca improvisada à frente da loja. Ali ficávamos trocando figurinhas e jogando “bafo”, coisa que nunca fazia, era “grosso” e acabaria perdendo todas que tinha “pá_troca”. Desde então a magia do cinema desenhado me capturou para sempre, procuro acompanhar a produção em geral inclusive a brasileira, pequena, mas de boa qualidade. Franca mesmo tem seus representantes no setor de criação de animações. O principal é o estúdio do Fernando Garróz – Graphicinema – que aconselho todos a conhecerem o excelente trabalho que vem desenvolvendo em animação, pode ser conferido em <https://www.graphicinema.com/>

Durante a pandemia, assisti vários desenhos animados do Studio Ghibli, um dos mais importantes estúdios japoneses de criação de animações autorais. Com sede em Tóquio, o estúdio é mais conhecido por seus filmes de animação e também produziu vários curtas, comerciais de televisão, filme pra TV e videogames. Criado em 1985 pelos diretores Hayao Miyazaki e Isao Takahata e pelo produtor Toshio Suzuki, o sucesso foi gigantesco: seis dos filmes do Studio Ghibli estão entre os dez filmes de anime com maior bilheteria produzidos no Japão. Seus filmes aliam qualidades no roteiro, desenho, animação e uma mensagem anti-beligerante que encanta a todos que os assistem.

Premiadíssimo, o Ghibli já recebeu várias indicações e o Oscar de Melhor Filme de Animação em 2003, com “A Viagem de Chihiro”, maravilhoso. Único filme não americano a levar a estatueta de melhor animação no Oscar, “A Viagem de Chihiro” é a produção mais conhecida do estúdio e obra mais aclamada de Hayao Miyazaki. “Túmulo dos Vagalumes” (1988) é triste, mostra o devastador impacto da Segunda Guerra Mundial na vida dos japoneses. Após perderem a mãe, os irmãos Setsuko e Seita escapam da casa de parentes e vão se esconder na floresta. Na escuridão, as luzes dos vagalumes os divertem. Já “Totoro” (1988) une fantasia, drama e aventura, numa história sobre a amizade e o mundo das crianças.

“Murmúrios do Coração” foi outro deles que assisti, fascinante. Baseado nos quadrinhos do cultuado Aoi Hiiragde, mostra os caminhos da adolescência neste clássico filme de 1995. Recomendo a todos que gostam de quadrinhos, desenhos animados, mangás e HQs. Dica: estão disponíveis na Netflix.

Mauro Ferreira é arquiteto